



**FELLOWSHIP PROGRAMS DE JORNALISMO:  
REDES DE CONTATOS, VINCULOS DE COMUNICAÇÃO<sup>1</sup>**

**FELLOWSHIP JOURNALISM PROGRAMS:  
CONTACTS NETWORKS, COMMUNICATION LINKS**

Edson Capoano<sup>2</sup>

**Resumo**

Os programas de bolsas internacionais (*fellowship programs*) são redes face a face de interesse educacional e profissional. O objeto de estudo é o Programa Balboa/Curso Iberis, com mais de 300 jornalistas, que passaram um semestre na Espanha, trabalhando e estudando. A metodologia deste excerto abrange a pesquisa bibliográfica, pesquisa qualitativa semiestruturada e pesquisa de campo exploratória. O quadro teórico desse trabalho provém da sociologia da comunicação e da Teoria da Cultura. Como resultados da pesquisa, conclui-se que o PB/CI permite a geração de uma rede entre os jornalistas com mais possibilidades de continuar com os laços de confiança do que em uma rede profissional sem laços pessoais.

**Palavras-chave:** Fellowship programs. Redes. Jornalismo. Laços.

**Abstract**

Fellowship programs are face-to-face networks of educational and professional interest. The object of study is the Balboa / Iberis Course, with more than 300 journalists, who spent a semester in Spain, working and studying. The methodology of this excerpt covers bibliographic research, semi-structured qualitative research and exploratory field research. The theoretical framework of this work comes from the sociology of communication and the Theory of Culture. As a result of the research, it is concluded that PB / CI allows the generation of a network among journalists with more possibilities to continue with ties of trust than in a professional network without personal ties.

**Keywords:** Fellowship programs. Networks. Journalism. Links.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 8 (Redes de Comunicação), do VI ComCult, Universidade Paulista, Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

<sup>2</sup>Doutor em Ciências pelo PROLAM-USP; professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie;  
[edson.capoano@gmail.com](mailto:edson.capoano@gmail.com)

## **Introdução**

Os programas de bolsas internacionais (*fellowship programs*) são redes face a face de interesse educacional e profissional. O objeto de estudo desse resumo é um desses programas, o Programa Balboa/Curso Iberis, desenvolvido em Madri entre 2000 e 2015. Em 15 anos do PB/CI, mais de 300 jornalistas - cerca de 20 por ano - passaram um semestre na Espanha, muitas vezes vivendo juntos, trabalhando com profissionais espanhóis, em uma experiência de total imersão na cultura local e ao mesmo tempo de intercâmbio com seus profissionais. Também lhes foi oferecido um programa de capacitação, com professores e especialistas de diferentes universidades e instituições, que ministram sessões para aproximar os participantes da realidade histórica, social, política, econômica, cultural e midiática da Ibero-América.

A metodologia deste excerto (uma seleção da tese deste autor sobre a identidade de jornalistas latino-americanos em redes) abrange a pesquisa bibliográfica, com conteúdo sobre redes sociais apresentado na sociologia e na comunicação; pesquisa qualitativa semiestruturada, em que respondentes do PB/CI responderam a questões sobre comunicação, identidade e redes; e pesquisa de campo exploratória, realizando trabalho de campo em quatro países selecionados a partir da qualidade e profundidade de seus respondentes: Brasil, Peru, Guatemala e México; e visitas a fellowship programs dos EUA, entrevistando seus diretores e comparando-os às respostas e resultados colhidos do PG/CI.

O quadro teórico desse trabalho provém da sociologia da comunicação, me que Castells (2000) trata da natureza das redes dentro e fora da internet; e Christakis e Fowler (2010), que abordam o poder das conexões sobre os indivíduos; da Teoria da Cultura, com Medina (2006), que investiga os afetos e os vínculos como signos de relação nos processos comunicativos; e Lohisse (1969), que apresenta as características da comunicação pessoal e anônima dentro de sistemas de comunicação de massas.

Como resultados da pesquisa, especificamente sobre os vínculos gerados pelos indivíduos que experimentaram uma rede profissional de jornalismo, conclui-se que o PB/CI permite a geração de uma rede entre os jornalistas com mais possibilidades de continuar com os laços de confiança do que em uma rede profissional sem laços pessoais. No PB/CI, foram registradas muitas possibilidades de trocas culturais e de diálogo entre identidades, graças ao convívio dos membros por um período considerável de 6 meses. Entende-se - por meio das entrevistas com os membros e a análise destas segundo os referenciais teóricos - que os laços

de confiança e cumplicidade são mais relevantes que as tecnologias tecnológicas entre os membros. Inicialmente, isso pode parecer um problema, uma vez que não é o objetivo de qualquer rede profissional ou fazer amigos. No entanto, o fato é que quanto o PB/CI mais frágil e burocratizada a rede face-a-face, maior e mais o espaço para o diálogo e para as abordagens pessoais. A desestruturação burocrática da rede de jornalistas evidencia os laços de confiança entre os membros, gerando uma rede de pessoas e uma identidade de trabalho comum.

Fellowship programs como o PB/CI são mais parecidos com redes de confiança, nas quais os indivíduos têm mais peso do que a superestrutura que os reúne. Existem marcas de uma organização que permite mais confiança nos colegas, profissional e pessoalmente. Há o estímulo do intercâmbio de dados, fontes e produtos culturais como textos, sem a pré-condição de cobrança ou competência intrapessoal, comuns em empresas em redes fechadas. Com esta liberdade dos indivíduos, faz-se uma rede descentralizada, confiando nos membros graças ao diálogo cultural e ao fluxo de trabalho para além da experiência face-a-face, que culmina no crescimento da influência da rede, mantendo o diálogo cultural.

Redes presenciais como o PB/CI unem indivíduos com interesses comuns, geralmente em um país estrangeiro, a todos os membros, criando novos espaços para o diálogo cultural internacional. A facilidade com que os profissionais se aproximam e criam simultaneamente tempos diferentes gera novos diálogos com elementos culturais tradicionais. Nesse contexto, os indivíduos escolhem signos, compõem seus próprios textos e contribuem com nuvens culturais, graças ao diálogo ampliado permitido pelas novas tecnologias de comunicação e informação. De lugares tradicionais de construção de identidade, como famílias, escolas, igrejas, faculdades e empregos, os indivíduos expandem seus textos de identidade através de redes transnacionais de comunicação e diálogo. Quanto menos planejada, mais liberdade a rede proporciona aos seus membros para entrar em diálogo. A geração de confiança e afeto entre os membros do PB/CI é grande, devido ao tempo de encontros presenciais, por seis meses. A coexistência é preponderante nesse aspecto e viver em um país estrangeiro reúne jornalistas na mesma situação de exílio cultural. A geração de confiança não se dá na implementação das atividades do curso ou trabalho conjunto no jornalismo, mas em todos os dias entre os colegas na identidade como jornalistas. No PB/CI, há interesse em difundir a experiência do conhecimento em sala de aula compartilhada, seja pela ação do jornalista participante para o trabalho conjunto entre os membros da rede, quer para a reprodução de

modelos e técnicas dentro dos ensaios dos participantes.

Além disso, redes presenciais como o PB/CI são capazes de organizar novos espaços de diálogo, não restritos pela dissolução da experiência face a face, quando o fellowship programa se encerra. A continuidade do funcionamento das redes parece depender dos vínculos profissionais ou pessoais (principalmente estes) agravados na experiência como um todo. Os interesses dos membros e das redes sociais configuram novas combinações, novas formas de produção social e coletiva.

### **Desenvolvimento**

Entretanto, não é qualquer encontro de pessoas que define uma rede. Enquanto *ethos* tradicionais geram identidades, as redes geram conexões. Os *ethos* tradicionais fazem indivíduos conviverem com gente parecida entre si, com a mesma formação e atuação social. As redes, por outro lado, são escolhas dos indivíduos de se conectarem de forma distinta, independente do espaço físico ou da origem. Enquanto os *ethos* tradicionais são espaços materiais, as redes não o são necessariamente. Enquanto nos *ethos* as pessoas são competidoras, pois tem os mesmos papéis e vão disputar espaço na sociedade, as redes demonstram que papel escolhemos, a partir de alguma carência que temos individualmente. Portanto, as redes influenciam nossa identidade a partir do nosso papel e dos demais no grupo.

A definição de redes de Castells (2000: 566) também é essencial para compreender o que é uma rede para além da tecnologia ou do convívio comum. Manuel Castells (op.cit.) identifica as conexões entre pontos em dezenas de fenômenos sociais, dos sindicatos da Catalunha, até as redes de protesto do século XXI #YoSoy132 do México, *OcuppyNY* dos EUA e *Los Indignados* de Madri. Interessado na potencialidade dessas redes, Castells as compreende como ferramentas de aumento de alcance para os objetivos dos indivíduos organizados. Não há redes sem cultura, sociedade ou indivíduos:

Rede é um conjunto de nós interconectados. [...] Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, entre os nós. [...] A inclusão/exclusão em redes e a arquitetura das relações entre redes, possibilitadas por tecnologias da informação que operam à velocidade da luz, configuram os processos e funções predominantes em nossas sociedades. (CASTELLS, 2000: 7).

Cremilda Medina (2003), por sua vez, contribui com a pesquisa sobre diálogos em rede, quando ressalta a comunicação humanizada em qualquer suporte de comunicação. O trabalho interdisciplinar de Medina (op.cit.) afirma a compreensão de que os afeitos são a sustentação dos diálogos e das redes do saber, muito mais que modelos de comunicação funcionalizados ou redes digitais tecnológicas:

Ideologia, paradigma e visão de mundo, outra escala de aprofundamento para o aprendiz de mediações socioculturais do presente. Mexer com as subjetividades que a dialogia social presentifica faz vir à tona tanto a visão de mundo do interlocutor quanto a visão de mundo do comunicador. A troca, o embate, a interatividade criadora se dá na cultura, espelho profundo de certa sociedade. Mais catártica ainda é a virtualidade do toque poético, ou seja, por mais díspares que sejam as mundivisões, muitas vezes de raízes socioculturais contrapostas, certamente comungam a mesma utopia humana. (MEDINA, 2003: 79).

Nos EUA, terra das redes digitais como Facebook e Twitter, novas interpretações entre indivíduos, redes e cultura estão sendo realizadas. Christakis e Fowley (2009) concluíram uma extensa pesquisa sobre conexões e influência entre pessoas. A resposta dos pesquisadores sobre a manutenção do diálogo em rede foi a manutenção da felicidade, da confiança e do amor. Assim como os afeitos e os diálogos de Medina (op.cit.), Fowley e Christakis (op.cit.) perceberam que a “cola” entre as conexões de membros de rede é a cumplicidade dos indivíduos, que gera a intenção de se entender o outro. Por isso, esta tese reafirma seu objetivo de estudar redes como ambientes de conexões entre indivíduos, que geram textos culturais através do diálogo, da confiança e da cumplicidade, produzindo identidade entre pessoas, povos e culturas.

Jornalistas do Programa Balboa/ Curso Iberis atualizaram suas narrativas identitárias e compreenderam a identidade dos demais latino-americanos através de troca e do diálogo. Suas culturas locais e regionais foram descobertas, discutidas, aprofundadas, intermediadas, transmitidas e potencializadas graças ao diálogo, e fixadas através da cumplicidade.

Essas características podem ser encontradas nas redes, mas também em outros sistemas sociais, como grupos de amigos ou colegas, conexões entre jornalistas ou entre quaisquer trabalhadores ou relações entre latino-americanos ou qualquer civilização. Todas essas conexões podem ser interpretadas como redes: grupos de pessoas que estão mais profundamente conectadas que nas suas outras relações (CHRISTAKIS e FOWLER, 2009).

Por isso, para compreender uma rede social, é preciso chegar até os indivíduos que a compõem, compreender suas motivações, seu universo simbólico e sua produção de sentido

no momento do diálogo com o Outro. Para isso, será utilizada a teoria da *Comunicação Anônima*, de Jean Lohisse (1969). A comunicação anônima se dá quando são identificados símbolos comuns a indivíduos e sociedades que estão em diálogo. O cotidiano, o imaginário e a criação de um discurso sensorial geram a comunicação anônima, que é individual, mas é de fácil compreensão ao coletivo. Se símbolos coletivos têm origem em escolhas individuais, em contrapartida, os sentidos individuais e locais unificam os símbolos coletivos e globais. *O anônimo, portanto, também significa individual, pois tem autoria, mas é ao mesmo tempo coletivo, pois carrega símbolos pertencentes a todos nós.*

Nas redes, o individual e coletivo se misturam, rompendo barreiras de *ethos* locais como nacionalidades, línguas e comunidades, possibilitando textos convergentes graças à sua constituição dinâmica, *o diálogo*. A objetividade dos meios de comunicação gerou impessoalidade na produção jornalística e cultural. Já as redes presenciais de jornalismo exercitam a tecitura de um universo simbólico *em comum*. Pelo diálogo e pela troca de signos locais de cultura, os jornalistas produzem discursos globais, *em comum*, aos diversos membros internacionais da rede e as suas sociedades.

A moral na qual conteúdo bom é conteúdo para todos e para cada um ao mesmo tempo gerou uma indústria cultural voltada à produção cultural de massa, mais preocupada com a possibilidade de consumo de informação por todos que pela qualidade ou pessoalidade da mensagem. A industrialização do conteúdo, através do processo de produção, também industrializado por parte de jornalistas, gerou uma comunicação impessoal por parte dos emissores e individualista por parte dos receptores, o público em geral. Textos padronizados por manuais de redação e programas de TV para todos e para ninguém ao mesmo tempo estimularam a individuação do leitor e do espectador. Afinal, se a cultura não tem marcas de autoria (o que parece um paradoxo insolúvel), como ela pode tocar o receptor a se engajar por ela, seus temas e seus produtores? Para que um cidadão se engajaria em uma causa lida no jornal se ela não se refere nem a ele, nem a ninguém?

Lohisse (1969: 57) pede a troca da comunicação de massas por conteúdos em comum, entre produtores e receptores de informação. Os signos de informação, quando compartilhados, tornam-se signos de relação. Conteúdos deixam de ser *comuns* para se tornarem *em comum*. A criação de universos simbólicos em comum deve-se a que jornalistas membros das redes já carregam signos em comum, mesmo provindo de sociedades separadas. Assim como Gustav Jung, Lohisse (op.cit.) explica esse fenômeno ressaltando *os arquétipos*

como textos simbólicos da época em que o ser humano fazia parte de um todo. Das semelhanças biológicas, foram gerados símbolos coletivos.

O isolamento e migração de grupos humanos, somados à intelectualidade e à criatividade, geraram diferenciações sobre os discursos antes coletivos. Mas uma herança sónica em comum manteve-se no imaginário e no gênio humano, gerando símbolos e textos dialógicos em toda a produção cultural. Voltando à comunicação de massas, esta seria o banco de dados coletivo usado para criar conteúdos para atender públicos massivos. Mesmo que individualizados e locados em *ethos* separados, os cidadãos modernos carregam em si uma biblioteca de signos *com potência de diálogo*.

As redes também utilizam esse caldo sónico conjunto. Quando promovem diálogo entre jornalistas de países diferentes, possibilitam o reencontro de signos dialógicos afastados por fronteiras, etnias, economias e línguas. Aproximam símbolos arquetipicamente dialógicos para a formação de novos textos culturais autenticamente locais e globais.

As redes sociais ajudam na produção de uma cultura planetária, pois geram convergência de conteúdos potencialmente dialógicos, na construção de novos textos coletivos, em comum. As combinações sónicas vistas por Jean Lohisse (1969) na cultura de massas são identificadas nesta pesquisa como os discursos construídos em comum pelos jornalistas em rede. E também como na mídia de massas, alguns textos sobressaem sobre outros, quando imaginários disputam espaço no mundo simbólico. Lohisse (1969: 62) chama de “representações dominantes” os discursos que sobrevivem a tantos outros. Ele os classifica de *lidertipos*: símbolos novos, adaptados aos processos de troca e diálogo contemporâneos, mas com raízes originais e autênticas com os símbolos arquetípicos das sociedades em diálogo.

Nas redes de jornalismo, os *lidertipos* são gerados pelo *confrontamento e conclusão de signos, símbolos e discursos entre seus membros*. Usando as suas representações locais para explicar quem são e de onde vieram, os jornalistas de redes põem à prova do diálogo seus discursos e os renovam, acrescentando novos signos aos seus textos culturais. Geram narrativas mestiças e híbridas, com um DNA arquetípico e local, mas ao mesmo tempo, com potencialidade de discurso e sobrevivência no novo diálogo global do século XXI e das redes de comunicação. Assim como *lidertipos* são símbolos que se destacam na globalização da cultura, a fusão de individualidade com coletividade dos textos culturais promove o que Lohisse (op.cit.) chama de *osmotipos*.

A comunicação anônima tem pulsões universais e permanentes, como a morte, a eternidade, o sexo e a existência. A essência em comum possibilita discursos coletivos, como os arquétipos, serem recombinaados individualmente pelos cidadãos, gerando um novo discurso, osmotípico, segundo LOHISSE (1969: 173), ou *trans-criado*.

Afinal, *ethos* locais também geram símbolos universais. Os habitantes dessas localidades os usam para compreender o mundo e se expressar nele. Seja de modo dedutivo, chegando a novos textos culturais, seja em síntese, sintetizando textos coletivos em textos individuais, as pessoas combinam símbolos e geram *osmotipos*, narrativas culturais locais, assentadas em signos coletivos.

Local e global, individual e coletivo, anônimo e destacado para o mundo. A ambiguidade do ser humano também aparece na sua narrativa. Assim são os discursos das redes no século XXI. Ambíguos e osmotípicos. São símbolos em comum com individuações e por marcas pessoais. Não há narrativa sem autor.

Os jornalistas do Programa Balboa são produtores lidertípicos e osmotípicos, pois as variáveis de formação e comportamento de cada indivíduo geravam escolhas distintas sobre os mitos, ritos e livros que acreditam representar seus povos. Autênticos representantes de seus países, culturas e locais de produção das histórias, o que define a escolha dos jornalistas e a combinação dos elementos simbólicos externos com seus próprios perfis, suas histórias individuais e suas decisões ao longo da vida.

A comunicação anônima e os signos arquétipos, lidertipos e osmotipos auxiliam na compreensão dos laços culturais que jornalistas produzem em redes sociais. Em outras palavras, os signos individuais, compartilhados em diálogo, podem gerar uma visão ampliada dos temas pertinentes a todos os membros do grupo.

### **Considerações**

Se uma rede social for considerada um conjunto de nós interconectados, como afirma Castells, a simples arquitetura da rede sem troca, influência ou afeto, não faz de conjunto de fios ligados a indivíduos uma tecitura dialógica. Os fluxos são tão ou mais importantes que os nós conectores, e esses fluxos são estimulados pela vontade de entender o outro, de dialogar com a identidade alheia, no caso, do jornalista Balboa e do seu mundo simbólico por desvendar. Medina (2003) comprova que a sustentação dos diálogos e das redes de saber se dá mais pelos afetos dos indivíduos que pelas redes tecnológicas. Afetos como a amizade, a

confiança, a confiança e o vínculo são a “cola” que mantém o funcionamento de diversas redes sociais. As individualidades e suas identidades são o sangue que corre pelas artérias das redes.

Se redes são relações entre indivíduos, as conexões não são técnicas ou tecnológicas, mas afetivas e humanas. E quanto mais profundamente relacionadas, maior é o diálogo cultural, a troca simbólica, a atualização de identidades e a formação de narrativas gloais. Ao longo da experiência em rede, nos casos analisados dos jornalistas do PB/CI através de entrevistas semiestruturadas, os signos identitários foram se adequando, de narrativas individualizadas para textos mais dialógicos. As narrativas utilizam tanto as experiências individuais quanto as produzidas coletivamente nas trocas entre os Balboas. Ao conhecer melhor o interlocutor e os outros contextos na América Latina, flexibiliza-se a identidade individual. Logo, as identidades são narrativas que, ainda que apresentadas como individual pelos seus portadores, foram elaboradas a partir dos fragmentos provindos do exterior, coletivamente.

Assim, os jornalistas Balboas perceberam que sua própria identidade profissional não precisaria ter um sentido único, uma narrativa estanque sobre o que é ser jornalista ou como se deve viver em uma cidade latino-americana. A experiência em rede lhes deu novos signos, sentidos, textos e narrativas, com os quais puderam atualizar suas próprias identidades.

O guatemalteco Eswin Quiñónez mudou seu texto identitário profissional, afirmando que poderia ser um jornalista mais calmo e seguro, sem ser valorizado pela rapidez ou produtividade que o mercado guatemalteco lhe impunha. David Santa Cruz entendeu que poderia buscar outras oportunidades em outros jornais, cidades ou até mesmo países, se soubesse o que quer e que jornalismo pretende realizar. Rocío la Rosa voltou a Lima criticando a exploração do jornalista nas redações e luta para ter uma vida mais equilibrada profissional e familiarmente. Helena Fruet ganhou mais confiança ao ver as dificuldades enfrentadas pelos colegas jornalistas em áreas de conflito, como Nicarágua e Colômbia, e mudou o rumo da carreira.

As identidades dos Balboas são narrativas e narradores em movimento, em uma experiência coletiva de sentir, pensar e agir. Isso colidiu suas expectativas de aprender (quase) tudo nas redações espanholas, e admitir que o convívio com os demais latino-americanos foi muito mais frutífero. Foram as narrativas em movimento das experiências Balboas que

atualizaram as lógicas cristalizadas do jornalismo e dos estereótipos fracos sobre América Latina.

Uma narrativa se humaniza na contaminação intuitivo-sintética com a subjetivação. Estar afeito aos protagonistas e à cena que eles tramam demanda um exercício constante de despoluição da consciência racionalista que tudo instrumentaliza. É preciso restaurar a respiração profunda da interação social criadora. (MEDINA, 2003: 141).

O laboratório que se tornaram as ruas espanholas e as repúblicas de latino-americanos estimulou o signo da relação entre os Balboas. Os jornalistas provocaram e foram provocados a atos interativos com o meio ambiente e com o Outro, os jornalistas espanhóis e latinos. Neles, criaram-se outras mediações, intersubjetivas, extrapolando limites e rótulos de o que é – e se há uma – identidade latino-americana, para o profundo das individualidades, exacerbadas pela ação comunicativa. “O diálogo com o mundo se manifesta no cotidiano, na arte e na ciência.” (MEDINA, 2003).

Os Balboas comprovaram ser sujeitos-autores das próprias identidades. E estas afloraram signos dialógicos graças à desconstrução do autoritarismo unidirecional, seja ele o jornalismo difusor, seja ele o estereótipo fraco de o que é ser latino-americano.

Essa reaproximação do senso comum, ou antes, dos saberes localizados e cotidianos, oferece um outro vigor à prática dialógica da comunicacional e desafia tanto o profissional da mediação quanto o produtor de ciência a pesquisarem novos sentidos em rede. (MEDINA, 2003: 116).

Para manter diálogos, jornalistas na rede Balboa assimilaram signos de relação para gerar narrativas dialógicas. Semelhante ao encontro cultural da Conquista da América, os Balboas foram alterando sua própria narrativa assim como os astecas alteravam seus mitos e ritos a partir das informações novas que os espanhóis traziam consigo.

Até mesmo o ruído simbólico entre as narrativas gerou novos signos dialógicos. O estereótipo secular do latino-americano indolente, em contraposição ao europeu esforçado, continuava nas identidades dos Balboas que viajaram a Madri em 2007. Mas o diálogo entre os colegas latinos e a experiência presencial nos jornais espanhóis lhes mostraram como trabalhavam em alto nível, atualizando signos tanto para latinos Balboas quanto para os jornalistas espanhóis com quem dividiram redações.

*“Fui a países mais desenvolvidos economicamente que a Espanha, como a Suíça e a Suécia, e as pessoas parecem não se preocupar com nada, nem ao atravessar a rua. Um pouco de caos, pelo amor de Deus! (...) Não há espaço para se perder. Quero ir por conta própria, olhar o meu mapa, descobrir meu caminho e meu espaço”.*

Acima, Marcos Todeschini, Balboa brasileiro, afirmou sua identidade errante latino-americana como uma pulsão de vida, em comparação à vida da Europa burocratizada. Já a peruana Rocío teve dificuldades de se impor no jornal espanhol: *“Os colegas do jornal pensavam que éramos estudantes, depois perceberam que éramos profissionais como eles. Isso foi um contratempo do início, o que me dificultou publicar matérias.”* Com Laura Guzmán, foi o contrário: o trabalho em Madri mais fácil que no México, o que lhe deu confiança ao voltar para sua redação no D.F.

*“Tudo era muito tranquiilo (sic), só às vezes se corria um pouco, e então vinha a calma novamente. Eu estava acostumada a fazer as coisas rápido, por isso chegava à agência EFE e perguntava: ‘o que eu faço agora?’. Acostumar com esse ritmo de trabalho me custou um pouco. (...) Aprendi com os espanhóis a tomar conta do meu tempo, além de trabalhar, trabalhar, trabalhar...”*

O mexicano David Santa Cruz percebeu que podia ser jornalista em qualquer lugar, graças a conversas com Guido Bilbao, o Balboa argentino que o influenciou:

*“Somos o que queremos, o destino nos liberta e não se deve negar nada o que ele nos traz. Se as coisas não funcionam na revista onde estou, há outras revistas na cidade. Senão, em outros estados do México. E se não, em outro país do continente, ou em qualquer parte do mundo.”*

Eswin Quiñónez também foi influenciado por Guido e pelos demais Balboas, como com o ímpeto de fazer grandes coisas no jornalismo:

*“Guido me ensinou a pensar grande com os pés na terra. Mas foi um grupo diverso, alguns davam conselhos, outros, broncas. Nunca me deixaram cair, todos me animaram. Mas achamos similitudes entre nós. Éramos latinos, estávamos em veículos de comunicação diferentes, dividíamos casa e estávamos longe de nossos países.”*

Eswin declarou que gostou um pouco de todos do grupo, mas admirava mais a alguns que tinham mais paixão pelo jornalismo, como os argentinos Chalf e o equatoriano Jorge. Também a dedicação da Santafesina Sol e da chilena Macarena. A meticulosidade da peruana Rocío. A persistência da venezuelana Hellen, que ficou em Madri, após o término do Programa Balboa. *“Talvez eles não se interpretem assim, mas no final são as capacidades que vi em cada um. Fui moldando minha imagem de jornalista a partir de quem eu admirava.”*

Outra característica da formação cultural da América Latina encontrada na identidade dos Balboas é a confecção de uma tecitura narrativa que não se restringiu aos professores que o Programa Balboa oferecia, nem dos chefes de redação e jornalistas espanhóis. *Todos os*

*Balboas, sem exceção, aprenderam mais com o seu colega de moradia, com os confidentes dos dramas pessoais, com o Balboa do país ao lado. Enfim, jornalistas Balboas se viam mais iguais por serem de ofícios semelhantes, com signos diversos mas interessantes ao outro. As identidades se enredavam em um texto complexo afetivo, pessoal, étnico, social e nacional.*

Parafrazeando Ribeiro (1997), as trocas simbólicas realizadas dentro da rede social fizeram dos Balboas indivíduos híbridos, mestiços, des-mexicanos, des-guatemaltecos, des-peruanos e des-brasileiros. *Talvez isso esteja próximo do que seja uma identidade latino-americana.* Despojados da rigidez de suas identidades nacionais, os Balboas inventaram um texto identitário mais versátil, híbrido, mais dialógico com os signos de todos os demais jornalistas latino-americanos.

Santiago Torrado, colombiano, definiu a rede de cumplicidade e vínculos como fundamental para ter aumentado o valor que dá à América Latina. É uma mudança em sua identidade, dado que antes da experiência em rede, *Santi* se via um analista autônomo, sem a necessidade do diálogo para entender melhor o continente, que aliás, nem lhe era a região mais interessante de se fazer jornalismo.

A amizade que cultivou com os Balboas venezuelano e argentino lhe permitiu ver os países deles segundo seus olhares. Percebeu como podia cobrir histórias na América Latina como nenhum outro, graças ao diálogo que mantém com os amigos, as referências culturais que eles oferecem e a retroalimentação que os membros da rede fazem dentro do sistema de diálogo. *“Isso não podia acontecer em uma rede digital ou em um encontro de jornalistas durante quatro dias”*, ressalta. *A amizade, a troca de experiências e a intenção de entender o Outro fez a identidade profissional de Santiago mais latino-americana.*

Finalmente, a característica da rede social mais ressaltada são os vínculos entre os membros, ou as afeições por diálogo. Apesar da rede Balboa de 2007 contar com 20 jornalistas, percebe-se a citação de dois ou três membros em cada entrevista. Fica claro que houve troca de informações entre todos, mas diálogo comunicativo, com troca simbólica com vínculos, ocorreu apenas entre os amigos, que viveram e viajaram juntos, trocaram confidências e se apoiaram em momentos difíceis. Pode-se dizer que todos os jornalistas aprenderam sobre a América Latina entre si. Mas só algumas ligações mais afetivas fizeram um latino-americano sentir como é ser o Outro. Também se pode afirmar que nos diálogos entre os cúmplices foi possível entender melhor o que é ser latino-americano do que em toda a

estrutura da rede. As identidades foram atualizadas pelas trocas interessadas e compromissadas dos laços de confiança e de amizade efetivadas pelos jornalistas Balboas.

A outra forma de atualizar identidades entre os jornalistas foi pela troca de bens culturais. Cultura, neste caso, é compreendida como sistema simbólico onde interlocutores interagem trocando intersubjetividades. Trata-se da cultura diária, em processo, de produção coletiva e em comum de significados; da colaboração e do compartilhamento de narrativas e textos simbólicos para além dos sistemas difusores de comunicação; do transcrição dos objetos culturais coletivos para fins vinculantes individualizados.

O lugar da cultura, dos protagonistas sociais, bem como o lugar da ciência e de seus interlocutores, mais o lugar da comunicação e de seus mediadores-autores oferece inúmeros estímulos para experimentar as dialogias, estas encaradas como comportamentos, valores, visões de mundo, [...] Um constante convite ao encontro e ao desencontro. Daí a importância de o comunicador privilegiar a história de vida, a particularidade humana juntamente com a abstração conceitual. Transitar do conceito sobre o mundo para a experiência do mundo enriquece o ato de comunhão, seja na praça pública, seja na universidade. (MEDINA, 2003: 117).

Livros, músicas, filmes e telenovelas foram comentados e compartilhados. Isso foi mencionado por todos Balboas. A troca cultural dos jornalistas foi mais intensa com os brasileiros, que careciam de objetos culturais comuns aos colegas latinos. Além dos jornalistas terem aumentado seu repertório cultural sobre América Latina, aprenderam sobre o contexto de artistas, canções e obras, o que lhes deu sedimentação e localidade nos objetos culturais. Sessões de filmes eram realizadas, com comentários após as exibições; festas eram animadas com *setlists* de artistas de todo o continente; danças eram executadas nas discotecas latinas em Madri, trocando-se passos e criando modos mestiços de se divertir; modos de se cozinhar foram compartilhados nas repúblicas dos jornalistas, com ingredientes espanhóis para se realizar pratos latinos; livros (levados à Espanha para serem referências culturais nacionais aos Balboas em momentos de saudade de suas localidades) foram objetos de troca no fim da experiência. Em todos esses momentos, a troca linguística foi riquíssima, com modos e modos de se falar espanhol, castelhano ou portunhol. Palavras e expressões locais a alguns Balboas causavam graça nos interlocutores, também latinos, mas que se expressavam de outra forma. Não raro, alguns Balboas voltaram com sotaques de outros países que não o espanhol, além dos brasileiros, que retornaram ao país falando um espanhol de terra alguma e de todas ao mesmo tempo.

Por isso, a rede presencial continua a ser necessária em tempos de redes de comunicação digitais. As habilidades exercitadas nos ambientes virtuais podem abranger mais pessoas, diminuir a distância e o tempo das conversas e encontros digitais. Mas a convivência, a experiência presencial conjunta e a criação de laços entre indivíduos ainda têm seu valor, pois geram o vínculo com o interlocutor, a vontade de se compreender o interlocutor e a geração de textos culturais criativos, realizados em diálogo.

### **Referências**

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHRISTAKIS e FOWLER. 2009 CHRISTAKIS, Nicholas A.; FOWLER, James H. [\*Connected: The Surprising Power of Our Social Networks and How They Shape Our Lives\*](#). Hachette Book Group, 2009.
- LOHISSE, Jean. *Communication Anonyme*. Paris: Ed. Universiterie, 1969.
- MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.